

A Ditadura do Bege e a Cura pelas Curvas: Um Manifesto no Dia Mundial do Art Nouveau

Por Eduardo Woetter · Publicado em 10/06/2026

Cansado da ditadura do minimalismo bege e dos prédios que parecem caixas de sapato? Neste Dia Mundial do Art Nouveau, faremos uma viagem irônica e esteticamente deslumbrante pelas curvas rebeldes que tentaram salvar o mundo da chatice. Da Europa ao Brasil, descubra por que o seu apartamento precisa desesperadamente de mais romance.

Versão online e eventuais atualizações:

<https://woetter.com/post/dia-mundial-art-nouveau-obras-brasil-ditadura-bege>

Você acorda. Olha para o teto de gesso perfeitamente liso. Levanta de uma cama com linhas retas, pisa em um piso de porcelanato cinza e caminha até uma cozinha onde os armários não têm nem puxadores para não ofenderem a deusa invisível do minimalismo. Você faz um café em uma máquina que parece um bloco de servidor de TI e sai para a rua, onde todos os prédios novos são caixas de vidro espelhado. Você suspira. A vida moderna é muito prática, muito eficiente e, convenhamos, esteticamente deprimente.

Foi pensando nessa melancolia do concreto armado que me lembrei do Dia Mundial do Art Nouveau. Uma data que, para muitos, soa como um preciosismo de estudantes de arquitetura de óculos redondos, mas que na verdade deveria ser celebrada como o dia oficial da rebelião contra a chatice. O Art Nouveau não foi apenas um estilo; foi um grito desesperado da virada do século dezenove para o vinte dizendo: a vida não precisa ser uma linha de montagem monótona. A natureza é caótica, orgânica e linda. Por que nossas casas não podem ser assim?

Quando olhamos para as principais obras do Art Nouveau espalhadas pelo globo, a sensação é de estarmos vendo o delírio de gênios que se recusavam a usar réguas. Pense na Casa Batlló, em Barcelona. Antoni Gaudí não olhou para um terreno e viu um bloco de apartamentos; ele viu uma caverna marinha, um dragão adormecido no telhado, paredes que respiram. Ele transformou a alvenaria em poesia. E ele não estava sozinho nessa loucura funcional. A poucos quilômetros dali, a Sagrada Família continua subindo aos céus, não como uma igreja convencional, mas como uma floresta de pedra, onde cada coluna se ramifica como uma árvore ancestral sustentando o universo.

No mesmo espírito, se você for a Bruxelas e parar em frente ao Hotel Tassel, projetado por Victor Horta, vai entender por que esta é considerada a primeira construção do estilo no mundo. Horta pegou o ferro e o vidro, os materiais frios da Revolução Industrial, e os retorceu até que parecessem chicotes florais e cipós. Ele transformou a escadaria em um organismo vivo. Era a busca pela “arte total”, onde o trinco da porta tinha que dialogar com o vitral da claraboia.

A obsessão não se limitava às pedras e aos metais. Em Viena, Gustav Klimt pintava “O Beijo”, capturando o momento exato em que a paixão e o erotismo dissolvem a forma humana em um oceano dourado de padrões geométricos e florais. A vida era muito curta para pintar fundos monocromáticos. Ainda em Viena, Joseph Maria Olbrich erguia o Edifício da Secessão, coroado com sua cúpula de folhas de louro douradas e a frase matadora: “A cada tempo sua arte, a cada arte sua liberdade”. Uma indireta nada sutil para os conservadores da época.

E como não falar do design gráfico? Se hoje o ápice da publicidade é um banner estático em uma rede social, em 1894 Alphonse Mucha acidentalmente mudava o mundo ao criar o cartaz Gismonda para a atriz Sarah Bernhardt. Ele inventou a mulher Art Nouveau: cabelos que desafiavam a gravidade, auréolas bizantinas, tecidos esvoaçantes. Um estilo que ele carregou para o trabalho de sua vida, a monumental A Epopeia Eslava.

Enquanto isso, em Paris, Hector Guimard decidia que pegar transporte público não precisava ser um ato de punição estética. As estações de metrô de Paris ganharam marquises de ferro fundido que pareciam brotar do chão como orquídeas alienígenas. Em Budapeste, Ödön Lechner e Gyula Pártos cobriam o Museu de Artes Aplicadas com telhados verdes de azulejos Zsolnay, provando que o estilo podia se misturar com influências indianas e orientais sem perder a majestade. O Dia Mundial do Art Nouveau celebra exatamente isso: a prova irrefutável de que o cotidiano pode ser deslumbrante.

Mas não pense que essa febre orgânica ficou restrita aos europeus bebendo absinto em cafés parisienses. O impacto das obras do Art Nouveau atravessou o Atlântico de navio e desembarcou no nosso calor tropical, criando um capítulo riquíssimo, embora muitas vezes ignorado, do Art Nouveau no Brasil.

Em São Paulo, a Vila Penteado, projetada por Carlos Ekman em 1902, provou que a elite cafeeira também queria morar dentro de uma joia esculpida. E não parou nas mansões. O arquiteto Victor Dubugras levou o estilo para o interior, projetando a Estação Ferroviária de Mairinque, um experimento puro e radical que transformou uma simples parada de trem em uma obra de arte. A capital paulista, na época frenética para se modernizar, viu nascer o Palacete Piauí e o grandioso Viaduto Santa Ifigênia, cuja estrutura de ferro importada da Bélgica trouxe as famosas linhas sinuosas para o coração da cidade.

Se subirmos o mapa, o Art Nouveau no Brasil se encontra com o delírio da borracha. O Teatro Amazonas, em Manaus, com sua cúpula de escamas coloridas, e o Mercado Ver-o-Peso, em Belém, com sua estrutura metálica vinda diretamente da França, são testemunhas de uma Belle Époque amazônica. Era o auge do luxo no meio da selva.

No Rio de Janeiro, a Confeitaria Colombo ainda resiste como uma máquina do tempo. Tomar um café cercado por aqueles espelhos belgas gigantescos, vitrais e móveis de jacarandá é um ato de resistência contra as padarias de fórmica branca. O Castelinho do Flamengo, do arquiteto Gino Coppedé, e belezas menores, mas igualmente importantes, como o Villino Silveira e a casa da Rua do Russel, 734, mostram como as curvas dominaram a capital da República.

A febre se espalhou por todos os cantos. No Sul, Porto Alegre guarda joias preciosas como a

Casa Godoy, a charmosa Farmácia Carvalho e o monumental Pórtico do Cais Mauá. No Nordeste, Recife aplicou a técnica em locais inusitados: até as Estações Elevatórias de Esgoto nos bairros do Cabanga e Afogados receberam o tratamento e a dignidade estética das linhas orgânicas. Porque, no fundo, a filosofia era clara: até a engenharia sanitária merecia ser bonita.

E aqui voltamos ao nosso apartamento quadrado de paredes beges. Comemorar o Dia Mundial do Art Nouveau não é apenas listar nomes de prédios antigos. É refletir sobre o que aceitamos como normal. Aceitamos que a beleza custa caro e que a eficiência é a única métrica que importa. Trocamos o ferro forjado à mão pela esquadria de alumínio padronizada. Trocamos o vitral colorido pela luz de LED branca que suga nossa alma enquanto esperamos o delivery.

O resgate das obras do Art Nouveau e, especialmente, do Art Nouveau no Brasil, é um lembrete de que o ambiente em que vivemos molda o nosso espírito. Talvez você não consiga construir uma fachada de escamas de dragão na sua casa alugada hoje, mas pode começar a reparar nos detalhes. Pode começar a exigir um pouco mais de poesia nos objetos que toca todos os dias. A vida é implacável demais para ser vivida em cativeiros bege. Quebre as linhas retas.

Para Hoje

Assista ao filme “Meia-Noite em Paris” (2011), de Woody Allen. Embora se passe nos anos 20, a essência do filme é exatamente essa nostalgia anestesiante por uma época em que as cidades pareciam pulsar de arte, boemia e romantismo desenfreado.

Conhece alguém que está morando em um apartamento que parece um laboratório de testes por excesso de minimalismo? Manda esse texto para essa pessoa. Quem sabe ela não se inspira e troca aquela cadeira transparente por algo com um pouco mais de personalidade.

A rebelião contra as coisas sem graça continua diariamente. Se você também acha que a vida precisa de mais beleza, curvas e cafés em xícaras dramáticas, me acompanhe nas redes. A gente reclama da modernidade, mas se diverte no processo.